



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à exposição e cerimônia comemorativa dos 60 anos da Organização Odebrecht

Brasília-DF, 09 de novembro de 2004

Meu querido Emílio Odebrecht, presidente do Conselho da Odebrecht,
Meu querido amigo, senador José Sarney, presidente do Senado,
Meu companheiro Meirelles, presidente do Banco Central,
Meu querido Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Waldir Pires, ministro da Controladoria-Geral da Presidência da República,

Meu caro futuro prefeito de Salvador, já eleito, mas que só tomará posse a partir do dia 1º de janeiro, João Henrique,

Meu amigo Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça,

Meu querido senador Ramez Tebet,

Meu querido amigo Furlan,

Meus amigos e minhas amigas,

Aqui tem nome de pessoas que não estão aí.

Meu querido Armando Monteiro,

Eu penso que nesses dois anos de governo já estive mais reunido com o Armando Monteiro do que com o Jair Meneguelli, que está aqui. Quem diria. Mas são os ossos do ofício. E eu acho que tanto para o Armando quanto para mim, pelo menos para mim, é motivo de alegria ter vindo nesta Casa, aqui, em dois anos, possivelmente, mais do que muitos presidentes em todos os mandatos. Porque, aqui, têm acontecido eventos dos mais diferentes setores



da economia brasileira e a CNI deixou toda a Casa fechada para se tornar um palco do debate sobre o desenvolvimento brasileiro. E foi, aqui, com a graça de Deus, que eu fiz o primeiro debate das eleições de 2002 e que pude, pela primeira vez, ter um contato direto com todo o empresariado brasileiro.

Eu, por respeito ao horário e a todos vocês, não vou ler o meu discurso, também não vou citar os números da Odebrecht, diante da direção da Odebrecht. Não tem nenhum sentido.

Eu queria dizer para o companheiro e amigo Emílio. E posso chamá-lo assim, porque conheço o Emílio há muito tempo, apresentado por um amigo comum, que passou vários meses dizendo que eu precisava conhecer um amigo dele, que era empresário. Foi o governador Mário Covas que me levou, convidou a mim e ao Emílio para almoçarmos na casa dele.

E eu queria dizer uma coisa para vocês que estão participando desses 60 anos de comemoração da fundação desse grupo. Não para o governante, mas para o cidadão brasileiro: é motivo de alegria quando a gente tem uma empresa da qual pode se orgulhar.

Quem viaja para a América do Sul ou para alguns países africanos, ou viaja muito pelo Brasil, normalmente, encontra a mão da Odebrecht em alguma coisa. Eu penso que não são muitos os quilômetros de estradas brasileiras que a gente pode percorrer, sem passar por um quilômetro de asfalto feito pela Odebrecht. Não são poucas as casas que recebem a energia elétrica, que não tenham um bom pedaço do trabalho da Odebrecht na construção das hidrelétricas brasileiras. Acho que mais da metade dos megawatts, produzidos pelas hidrelétricas brasileiras, uma boa parte dos 80 mil megawatts foi construída pela Odebrecht.

Uma empresa dessa magnitude, com a filosofia de trabalho mostrada na exposição que acabamos de ver, só pode dar certo. E dá certo na medida em que a direção da empresa acredita no seu potencial enquanto empresa, acredita nos seus funcionários e na sua direção, no seu corpo técnico e,



sobretudo, quando essa empresa acredita no futuro dos países onde ela está fazendo os seus investimentos.

E nós, Emílio, queríamos te dizer, e dizendo a você estou dizendo a todo o grupo Odebrecht e a todas as empresas da construção civil, sobretudo, da construção civil pesada no Brasil: podem ter certeza que o Brasil entrou numa rota de desenvolvimento e de crescimento e numa rota de integração que não tem mais volta.

Já tivemos vários séculos dos quais algumas regiões tiraram proveito. A Europa toda, depois de tudo que eles passaram, o século XIX foi o século da Europa; o século XX foi o século da América do Norte e o século XXI precisa ser o século do Brasil.

Não há por que a gente não acreditar que o Brasil não tem condições de exercer a liderança, não apenas no continente sul americano, no continente latino americano, mas o Brasil pode ter uma forte influência de um tipo de desenvolvimento que se dê em quase todos os países da África, sobretudo, da África Negra.

Para que isso aconteça é preciso que se tenha determinação e visão estratégica do governo brasileiro e do governo dos outros países. Eu estou falando para um grupo de empresários, alguns eu já encontrei em países da América do Sul, mas a primeira coisa que nós precisamos fazer, meu caro Emílio, foi tentar estabelecer uma confiabilidade entre os governantes da América do Sul com relação ao Brasil. Por quê? Porque quem tem experiência internacional, e está, aqui, o nosso embaixador Flecha de Lima, sabe perfeitamente bem que, muitas vezes, um país da América do Sul que faz fronteira com o Brasil tem mais medo do Brasil, tem mais medo do empresariado brasileiro do que do empresariado americano ou da política americana.

Teve presidente que veio me visitar antes da posse e me disse textualmente: “Presidente, durante mais de 50 anos eu acreditei que a minha



solução era os Estados Unidos e, agora, estamos conversando há 45 minutos e descobri que, possivelmente, a solução esteja na minha relação com o Brasil". E isso, nós fizemos em todos os países, primeiro, visitamos todos sem distinção, segundo, recebemos todos aqui sem distinção, porque, política econômica, política e investimento, dependem de uma coisa chamada relação humana, de uma coisa chamada confiabilidade, de uma coisa chamada credibilidade, de uma coisa chamada certeza se você vai ou não ter o retorno daquilo que você aplica ou da certeza do funcionamento da política local.

E nós, hoje, podemos afirmar aqui neste Plenário, para os empresários que participam da homenagem aos 60 anos da Odebrecht. Possivelmente, nós estejamos, neste momento, consolidando uma política e uma compreensão de integração que nunca houve na América do Sul.

Eu dizia à Maria Glória, que em nome da Camex, negociava com o Peru o financiamento da estrada que vamos fazer via Proex. Eu dizia para ela, porque eu tinha recebido uma sugestão e resolvi passar para ela que o que o Bolívar não conseguiu fazer com a espada, possivelmente a gente consiga fazer com o Proex e com o BNDES se a gente tiver a crença de que a integração é o que pode dar ao Brasil muito mais importância nas suas relações internacionais. E nós fazemos isso com a convicção de que é necessário e o Brasil pode exercer esse papel de liderança sem querer ser líder.

Por ser o maior país, por ser a maior economia, o Brasil tem que ter mais humildade, mais generosidade e tem que estar sempre disposto a estender a mão para ajudar os outros países a se desenvolverem, fazendo com que as nossas empresas possam construir aquilo que é do interesse de um país mas que, do ponto de vista estratégico, também é do interesse do Brasil. Obviamente que não estamos pensando em obter lucro no dia seguinte.

Uma ligação com o Pacífico, via Peru, vai depender muito para o Brasil de duas coisas fundamentais. Primeiro, da capacidade dos nossos empresários



fazerem parcerias com os empresários peruanos e fazer com que a área toda por onde passa a estrada seja ocupada de forma produtiva. Segundo, na medida em que a região Norte do país começa a se desenvolver mais, a gente vai ter mais produtos para exportar e, portanto, também mais produtos para importar.

A mesma forma vale com a Bolívia. Estamos discutindo, eu não sei se já fechamos, Furlan, Samuel, mas o dado concreto é que nós também queremos ajudar a Bolívia a construir um pedaço de uma estrada que tem interesses estratégicos para o nosso país. Da mesma forma que queremos construir juntos, e estou falando com alguém, nada mais nada menos, responsável por mais de 70% do pólo petroquímico brasileiro, mas nós precisamos construir um pólo gás-químico na divisa Brasil e Bolívia, para que a gente possa, não apenas desenvolver o Brasil e torná-lo mais auto-suficiente, mas ajudar os nossos irmãos mais pobres a se desenvolverem, e o Brasil é que tem a tecnologia para construir e ter generosidade para fazer uma parceria em que os vizinhos possam ter uma participação efetiva no desenvolvimento dessas iniciativas.

Eu acho, Emílio, que a Odebrecht é motivo de orgulho para qualquer brasileiro que viaje o mundo. Acho que a Odebrecht, em competência, não deve a país nenhum do mundo, a escola de engenharia nenhuma do mundo, para disputar qualquer concorrência ou para medir a qualidade das obras que serão feitas por uma empresa do seu porte e também da própria engenharia brasileira, que está muito avançada, se comparada a qualquer outro país do mundo. Nós não devemos nada a ninguém nessa área.

E quando vocês completam 60 anos, eu como Presidente da República, só posso dizer: Deus queira que eu viva até o dia em que a gente tiver que comemorar os 100 anos da Odebrecht, ou quem sabe os nossos filhos estejam presentes, lembrando que um dia nós participamos da comemoração dos 60 anos. Eu estou convencido Emílio, que nós entramos numa rota em que a



construção civil vai ter um papel extremamente importante. Aqui nesta Casa, nós fizemos uma reunião com os empresários da indústria da construção civil e eu acho que há muito tempo a construção civil não tinha os créditos que vão ter no próximo ano para fazer investimentos na construção civil.

Da mesma forma que nós do governo estamos convencidos, Emílio, que faremos a recuperação dos portos brasileiros, de parte das ferrovias brasileiras, a recuperação das estradas brasileiras e o término de algumas que já foram inauguradas em muitas eleições – já tem placa de inauguração, pelo menos em uns dez trechos da estrada, – mas não tem problema, nós vamos ter que terminá-las de forma a concretizá-las definitivamente. E vamos fazer aquilo que tem que ser feito, porque o Brasil, vejam esse absurdo, o Brasil pode ser vítima do seu crescimento. Ontem nós éramos vítimas da falta do crescimento. Mas se a nossa indústria continuar exportando o tanto que está exportando, se o nosso agronegócio continuar crescendo do jeito que está crescendo e exportar o que estamos exportando, nós passamos pelo gostoso risco de perceber que não temos como escoar esse potencial enorme de produção que o Brasil está tendo hoje. Já temos filas enormes, não é Roberto, em muitos lugares.

Então, nós já definimos, já detectamos os pontos, esperamos que vocês, empresários, ajudem, conversando com os senadores para que a gente aprove logo o projeto de PPP para facilitar essas parcerias, que a Odebrecht, aliás, conhece muito bem, porque eu estava vendo ali, agora, na exposição, que quando a empresa esteve numa situação difícil, a recuperação da empresa deu-se, inclusive, porque o presidente da Odebrecht fez uma parceria com os empresários, repartindo aquilo que a empresa podia ganhar.

O governo quer fazer parceria naquilo que o Estado tem consciência de que sem a iniciativa privada nós não podemos fazer. Acabou o momento histórico em que a gente discutia, no Brasil, que determinadas coisas eram função do Estado. É função do Estado, quando o Estado tem dinheiro para fazer e pode fazer. Quando o Estado não tem dinheiro, ele tem que ter



humildade para reconhecer que não tem dinheiro e tem que fazer parceria ou fazer concessão para aqueles que têm o dinheiro, para que façam o que tem que ser feito no Brasil. Muitas vezes, nós cometemos o equívoco de ficar discutindo muito quando o povo tem pressa, quando o povo precisa, e o Brasil tem pressa e urgência de que as coisas aconteçam.

Eu não tenho dúvida nenhuma, Emílio, que pela experiência de 60 anos de vida que tem o grupo Odebrecht, nós teremos da Odebrecht essa disposição para parceria, e a Odebrecht pode ter a certeza de que nós do governo continuaremos abrindo espaços, abrindo trincheiras para que as empresas brasileiras possam, cada vez mais, crescer, produzir e construir em outros países e gerar riquezas. E, para mim, quanto maior for a empresa, melhor. Eu vou terminar dizendo o que eu disse ontem na Fiesp: o empresariado brasileiro precisa deixar de pensar pequeno, precisa deixar de ter medo de virar empresário multinacional, e tem que botar a cara, porque no mundo empresarial, vocês sabem que nesse mundo globalizado, não se dá colher de chá para ninguém.

Nós temos vontade de fazer parcerias com todos os países do mundo, mas quando a gente vai fazer parceria nos países deles, eles impõem regras para as nossas empresas participarem e às vezes não querem nem que as nossas empresas participem ou exigem sociedade conosco. Aqui, nós precisamos aprender a fazer assim, nós precisamos ter orgulho enquanto governo e dizer: nós queremos que as nossas empresas sejam grandes, nós queremos que as nossas empresas sejam fortes, nós queremos que as nossas empresas sejam multinacionais, nós queremos que as nossas empresas estejam no Brasil mas estejam também em todas as partes do mundo, pois é assim que a gente vai construir uma grande nação e eu acho, Emílio, que vocês são um extraordinário exemplo de uma empresa que nasceu pequena, cresceu por competência e por abnegação da própria família e eu espero que vocês continuem por muito tempo sendo exemplo de como uma indústria pode



crescer, pode diversificar as suas atividades e chegar ao colossal lugar de importância que vocês têm na economia brasileira e mundial.

Meus parabéns e transmita um abraço ao seu pai.